

**AS TEMÁTICAS SOCIAL E POLÍTICA NO PRIMEIRO
LIVRO POÉTICO MACHADIANO, CRISÁLIDAS****THE SOCIAL AND POLITICAL THEMES IN MACHADIAN
FIRST POETIC BOOK, CRISÁLIDAS**Sandro Ponciano dos SANTOS¹

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar as temáticas políticas e sociais presentes na primeira obra poética machadiana, *Crisálidas* (1864). Os poemas que fazem parte dessa obra e que melhor representam essas temáticas são: “Os arlequins” (1864), “Epitáfio do México” (1862) e “Polônia” (1862), por esta razão, esses foram os poemas selecionados para serem analisados, a fim de dar embasamento à pesquisa e demonstrar por meios das análises poéticas, como eles estão arraigados em questões políticas e sociais. O estudo está ancorado em revisões bibliográficas sobre a obra poética machadiana e nas perspectivas teóricas de Candido (2017), Machado (2003) e Massa (2009). Machado de Assis foi um escritor que trilhou praticamente todos os gêneros literários, começando com a poesia, passando pelo conto, romance, pela crônica e até mesmo pela crítica literária. A partir das leituras dos poemas evidenciou-se que após mais de um século de sua morte, sua obra continua impressionante por continuar tão atual, pois o escritor foi um mestre em retratar irônica e criticamente a sociedade brasileira do século XIX, levantando e antecipando questões sociais e políticas que continuam tão presentes e atuais em nossos dias. Machado de Assis fez isso de maneira espetacular em seus romances, principalmente nos da segunda fase, mas já antecipava as mazelas, os problemas políticos e sociais da sociedade brasileira do século XIX, desde seus primeiros livros poéticos, e isto está muito presente nos três poemas citados, os quais esse artigo pretende analisar ao apresentar aspectos representativos dessa fase poética machadiana.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia política e social brasileira. Machado de Assis. *Crisálidas*.

ABSTRACT: This paper aims to present the political and social themes present in Machadian first poetic work, *Crisálidas* (1864). The poems that are part of this work and that best represent these themes are: “Os arlequins” (1864), “Epitáfio do México” (1862) and “Polônia” (1862), for this reason, these were the poems selected to be analyzed in order to provide a basis for the research and demonstrate through poetic analysis, how they are rooted in political and social issues. The study is anchored in literature reviews about Machado’s poetic work and in the theoretical perspectives of Candido (2017), Machado (2003), and Massa (2009). Machado de Assis was a writer who traversed practically all literary genres, starting with poetry, passing through the short story, novel, the chronicle, and even literary criticism. From the readings of the poems it became evident that more than a century after his death, his work is still impressive for being so current, because the writer was a master in ironically and critically portraying 19th century Brazilian society, raising and anticipating social and political issues that are still so present and current in our days. Machado de Assis did this in a spectacular way in his novels, especially in the second phase, but he already anticipated the ills, the political and social problems of 19th century Brazilian society, since his first poetic books, and this is very present in the three poems cited, which this article intends to analyze by presenting representative aspects of this poetic phase of machadian.

KEYWORDS: Brazilian political and social poetry. Machado de Assis. *Crisálidas*.

1. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (Faculdade de Ciências e Letras / UNESP Araraquara / SP). E-mail: rpsandrop@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0298-7721>.

Introdução

“Em política a primeira coisa que se perde é a liberdade” (ASSIS, 1956, p. 162).

O sentimento de independência política e cultural fortemente marcado no final do Romantismo, oposto ao comando português, de alguma forma pode explicar a repugnância do poeta Machado de Assis, diante da tirania exercida contra os povos da Polônia e do México. O culto à liberdade e a insatisfação com a opressão estão fortemente representados nos poemas “Epitáfio do México” e “Polônia”. Nesses versos, defende-se o ideal romântico da liberdade.

Essas produções antes de serem integralizadas ao primeiro livro poético machadiano, foram publicadas em jornais da época, um ano antes do lançamento da coletânea *Crisálidas*. Percebe-se a partir desses dados que a preocupação do escritor com questões políticas e sociais está presente desde o início de sua carreira literária.

As temáticas de valor político e social presentes em alguns poemas machadianos, assim como na poesia condoreira de Castro Alves, que se bateu pelo abolicionismo, vai se estender com mais propriedade em suas obras da fase madura e em poetas contemporâneos como Ferreira Gullar, Vinícius de Moraes, entre outros.

Desde seu primeiro livro de poemas, Machado de Assis traz à tona questões políticas e sociais, as quais ficam bem evidentes em textos como: “O progresso”, “La marquesa de Miramar”, “Os arlequins” (sátira), “Epitáfio do México” e “Polônia”, pois esses poemas foram instigados por uma clara consciência política e social. Como já foi mencionado neste artigo, a atenção será voltada em especial para os três últimos poemas citados, por eles nos mostrarem a dimensão da poesia calcada em causas sociais e políticas, que Candido (2017), em seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, define como “poesia participante”. Machado de Assis, em seu texto “O passado, o presente e o futuro da literatura brasileira” (1858), ao falar do projeto de formação cultural do país, já expressara ideias engajadas, pontuando a importância do homem das letras tornar-se participativo nos “movimentos da sociedade em que vive e de que depende”. No ensaio, o escritor compreende que:

No estado atual das coisas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende. Esta verdade, exceto no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária (ASSIS, 1962, p. 786).

Assim, descortina-se que o projeto poético ideal, defendido por Machado de Assis gira em torno do engajamento das manifestações literárias e que tem o literato

como homem engajado em questões humanas e políticas do seu tempo. Neste sentido, em *O arco e a lira*, Paz (2013), esclarece que:

[...] a história e a biografia podem nos proporcionar a totalidade de um período ou de uma vida, desenhar as fronteiras de uma obra e descrever exatamente a configuração de um estilo; também são capazes de esclarecer o sentido geral de uma tendência e até de revelar-nos o porquê e o como de um poema. O poeta utiliza, adapta ou imita o fundo comum de sua época, ou seja, o estilo do seu tempo (PAZ, 2013, p. 24).

Machado de Assis estando a par dos acontecimentos do seu tempo, não deixa passar em branco, e em muitos casos se utiliza desses acontecimentos e os transforma em matéria-prima na escrita de suas obras. Para Massa (2009), “[...] ao lado do homem de letras, começava a nascer o cidadão que participava energeticamente da vida pública do seu país. Para ele, essa atitude era consequência da outra”. Como é sabido, a questão do engajamento de Machado de Assis é uma constante em sua obra, porém propaga-se de forma mais significativa em sua prosa. A partir das análises dos três poemas que seguem, tenta-se mostrar essa fase da poesia do Bruxo do Cosme Velho.

“Os arlequins” (Sátira) (1864)

Que deviendras dans l'éternité l'âme d'un
homme qui a fait Polichinelle toute sa vie?

M.me de Staël

Musa, depõe a lira!
Cantos de amor, cantos de glória esquece!
Novo assunto aparece
Que o gênio move e a indignação inspira.
Esta esfera é mais vasta,
E vence a letra nova a letra antiga!
Musa, toma a vergasta,
E os arlequins fustiga!

Como aos olhos de Roma,
— Cadáver do que foi, pávido império
De Caio e de Tibério, —
O filho de Agripina ousado assoma;
E a lira sobraçando,
Ante o povo idiota e amedrontado,
Pedia, ameaçando,
O aplauso acostumado;

E o povo que beijava
Outrora ao deus Calígula o vestido,
De novo submetido
Ao régio saltimbanco o aplauso dava.
E tu, tu não te abrias,
Ó céu de Roma, à cena degradante!
E tu, tu não caías,
Ó raio chamejante!

Tal na história que passa
Neste de luzes século famoso,
O engenho portentoso
Sabe iludir a néscia populaça;
Não busca o mal tecido
Canto de outrora; a moderna insolência
Não encanta o ouvido,
Fascina a consciência!

Vede; o aspecto vistoso,
O olhar seguro, altivo e penetrante,
E certo ar arrogante
Que impõe com aparências de assombroso;
Não vacila, não tomba,
Caminha sobre a corda firme e alerta:
Tem consigo a maromba
E a ovação é certa.

Tamanha gentileza,
Tal segurança, ostentação tão grande,
A multidão expande
Com ares de legítima grandeza.
O gosto pervertido
Acha o sublime neste abatimento,
E dá-lhe agradecido
O louro e o monumento.

Do saber, da virtude,
Logra fazer, em prêmio dos trabalhos,
Um manto de retalhos
Que a consciência universal ilude.
Não cora, não se peja
Do papel, nem da máscara indecente,
E ainda inspira inveja
Esta glória insolente!

Não são contrastes novos;
Já vem de longe; e de remotos dias
Tornam em cinzas frias
O amor da pátria e as ilusões dos povos.

Torpe ambição sem peias
De mocidade em mocidade corre,
E o culto das ideias
Treme, convulsa e morre.

Que sonho apeteçido
Leva o ânimo vil a tais empresas?
O sonho das baixezas:
Um fumo que se esvai e um vão ruído;
Uma sombra ilusória
Que a turba adora ignorante e rude;
E a esta infausta glória
Imola-se a virtude.

A tão estranha liça
Chega a hora por fim do encerramento,
E lá soa o momento
Em que reluz a espada da justiça.
Então, musa da história,
Abres o grande livro, e sem detença
À envilecida glória
Fulminas a sentença.
(ASSIS, 1864, p. 81-85).

Um terreno pelo qual o poeta Machado de Assis versejou foi o da sátira, como pode-se presenciar em algumas de suas composições poéticas, a exemplo do poema “Os arlequins”, cujo tom satírico está anunciado no próprio título, pois o eu poético se refere aos políticos, ironicamente, por meio da expressão “os arlequins”, sinônimo de farsantes e pérfidos. O assunto que figura no poema baseia-se na maneira como agem os políticos.

O vate revolta-se com os arlequins/políticos pelo fato de serem fingidores e falsos com o povo, de tal maneira que não envergonham-se “do papel” nem “da máscara indecente” que usam para obter a “glória insolente”, ou seja, a glória não merecida. É desta forma “Que a consciência universal ilude”. (ASSIS, 1864, p. 84). Para Massa (2009), “o poeta fustiga os políticos, estes arlequins que ludibriam o povo, sem poupar a multidão que os venera”.

Assim sendo, na primeira estrofe do poema, o eu poético invoca ironicamente sua musa, pedindo-lhe que ela deixe a lira e “Cantos de amor, e cantos de glória”, em prol de um novo assunto, ou melhor, de um povo, a quem o poeta chama de “Turba ignorante e rude”. O eu poético pede ajuda à musa, não para inspirá-lo a escrever cantos de amor, mas para punir os arlequins, ou seja, os políticos desonestos, que de forma errônea “sabe iludir a nécia população”:

Musa, depõe a lira!
Cantos de amor, cantos de glória esquece!
Novo assunto aparece
Que o gênio move e **a indignação inspira.**

Esta esfera é mais vasta,
E vence a letra nova a letra antiga!
**Musa, toma a vergasta,
E os arlequins fustiga!**
(ASSIS, 1864, p. 81, grifos nossos).

Como é sabido, a sátira é um gênero literário que tem por finalidade ridicularizar ou criticar uma nação, ou um governo; ela consegue expressar o seu repúdio àquilo que ridiculariza, opondo-se aos costumes, ideias ou instituições da época em questão, tendo como objetivo intervir política e socialmente, a fim de provocar modificações ao que julga necessário. Para Andrade (1945), “O que caracteriza o riso é sempre o insólito, o bizarro, o anormal (...) transponha-se isso para o terreno da crítica, da ressonância e da linguagem social e está aí a sátira.”. Neste mesmo sentido, Dias (1981), corrobora com a seguinte tese,

Todo o potencial lúdico-cômico da linguagem encontra-se exaustivamente desenvolvido no sentido de aguçar seu alcance crítico em relação a um tipo de realidade que se quer corrigido, a um tipo de dominação que se quer moralizada (DIAS:1981, 108).

Percebe-se, então que a sátira é de caráter moral e crítico e está intrinsecamente ligada a aspectos políticos e sociais, direcionada a alguém, ou à instituições, com o objetivo de denunciar uma sociedade que se encontra corrompida. Esta parece ser justamente a intenção do poeta das *Crisálidas*, ao se manifestar satiricamente criticando a ignorância da população, a quem chama de “turba ignorante e rude” (verso 70). O poeta critica também de maneira irônica aquelas pessoas que se deixam enganar pelo “engenho portentoso” (verso 27). A cobiça dos arlequins e a rudeza do povo levam à descrença do amor à pátria.

O próprio Machado de Assis, em notas da primeira edição das *Crisálidas*, explica que, os versos falam de “uma classe que se encontra em todas as cenas políticas – é a classe que, como se exprime um escritor, depois de darem ao seu povo todas as insígnias da realeza, quiseram completar-lha [*sic*], fazendo-se eles próprios os bobos do povo” (MACHADO, 1864, p. 169).

Sarcasticamente, os “arlequins” representam os políticos que iludem e se apropriam indevidamente dos bens públicos. Por esse ponto, pode-se perceber o quão a temática tratada nesse poema é atemporal, da mesma forma que se percebe que a veia irônica machadiana encontrava-se em desenvolvimento, de tal modo, que tornara-se marca imortal do escritor fluminense. Levando em conta que “Os arlequins” é um poema que está inserido no livro *Crisálidas* (1864) e que Machado já demonstrara o interesse em apontar ironicamente as mazelas de uma sociedade corrompida pela ambição, é perceptível, por-

tanto, como o escritor enxerga e questiona a realidade do Brasil, com um olhar crítico e sobretudo irônico, algo não muito comum para os escritores da sua época.

A composição é acompanhada por uma epígrafe cujo sentido é de fundamental importância para uma melhor compreensão do poema, pois em todas as composições poéticas machadianas abertas por epígrafes, estas trazem um significado, bem como chaves de leituras que são essenciais na compreensão de tais poemas.

A estudiosa das epígrafes da poesia machadianas, Audrey Ludmila Miasso, referindo-se à epígrafe que acompanha o poema em questão, esclarece que:

A epígrafe dialogará com esse poema na imagem do *polichinelle*, que é por associação atribuída ao homem que faz política da maneira como o eu poético discorre nos versos. Apesar de o ponto de contato ser exclusivamente por essa figura, e não por versos que se aproximam, como acontece em outras epígrafes de outros poemas, as palavras de Staël parecem ser o encaixe perfeito não apenas para abrir o poema, mas para finalizá-lo, elas parecem, ao término da leitura, fazerem ainda mais sentido, grosso modo, em paráfrase, o que esperar da alma de um homem que fez *polichinelle* toda sua vida? Ou, trocando e utilizando um termo da atualidade, o que esperar da alma de um homem que fez “politicagem” toda sua vida? A resposta está na sentença fulminada pela “musa da história” no final do poema. (MIASSO, 2017, p. 125).

Machado de Assis já tendo alcançado o seu labor poético e tendo se tornado mais exigente na organização das suas *Poesias Completas* (1901), provavelmente com vistas a conferir maior unidade à obra, muitos poemas foram expurgados pelo poeta, inclusive o poema em análise, porém essa é uma questão que merece um estudo à parte.

O poema estrutura-se em dez oitavas, sendo que em todas as estrofes, o primeiro, terceiro, quinto, sétimo e oitavo versos são hexassílabos, e o segundo, o quarto, e sexto versos são decassílabos. Em relação às rimas, o primeiro verso rima com o quarto, o segundo com o terceiro, o quinto com o sétimo, o sexto com o oitavo, esquema de rimas que se repete-se em todas as estrofes: ABBACDCD, o que de alguma forma, contribui para que o poema seja assimétrico, tornando-o quase insonoro, isso se dá pelo fato do poema apresentar uma certa discrepância e desigualdade em relação às rimas. Candido (1996), em seu livro *O estudo analítico do poema*, nos esclarece que “dentre os recursos usados para obter certos efeitos especiais de sonoridade do verso, o principal é a rima, porém Machado de Assis foi um poeta que pouco se apegava às formas poéticas, esse é um dos fatores que torna sua poesia assimétrica, para exemplificação, “Os arlequins” é um poema, o qual as rimas apresentam uma singularidade própria da poesia machadiana. Segundo Barbier (2003), comentando sobre a estrutura formal do poema em questão, aponta que “há desaproveitamento de ideia e de forma; felizmente esse descuido só figura na invocação à musa a fim de castigar com justiça essa turba de truões na corda bamba dos orçamentos”.

Na terceira estrofe, mencionam-se os imperadores romanos: Caio Júlio César, Tibério e Calígula, qualificando o povo por ele governado de “cadáver” e “pávido”, que de forma cruel, ameaça e assusta “Ante o povo idiota e amedrontado”, sendo que estes imperadores têm em comum a submissão e a opressão da nação. Nas estrofes finais do poema, descrevem-se como os arlequins fazem política, ou melhor, como enganam o povo, por meio do saber fantasiado, como é o próprio arlequim, da austeridade e da espartez a um propósito torpe – “Tornam em cinzas frias/O amor da pátria e as ilusões dos povos” (ASSIS, 1864, p. 84).

A musa aparece na última estrofe do poema, não a musa da lira, mas a da história, que “abre o grande livro” para, sem demora, proferir sua sentença que certamente será positiva para o povo, uma vez que ela não é simplesmente proferida, mas fulminada, em função daquela “envilecida glória”. Desse modo, o poema constrói não apenas a imagem do homem da política como também antecipa sua sentença e pinta suas glórias sempre como desprezíveis e seus feitos como falsos, por iludir o povo que, por sua vez, ignora o espetáculo digno de um palhaço que se dá a sua frente. E, ainda que ignore algumas vezes, esse povo é obrigado a aplaudir seus imperadores, pois é ameaçado por eles.

Na última estrofe, a “musa da História” é evocada pelo eu poético para punir os arlequins das suas glórias injustas e dos seus golpes aplicados à nação. Profere-se a sentença, da qual não se sabe o resultado, mas ao que tudo indica, principalmente no quarto verso da última estrofe, que foi a favor do povo, uma vez que não conhecia a maldade que se escondia por trás das máscaras dos arlequins/políticos, pois este povo era forçado a aplaudir seus superiores, uma vez que era acometido por eles.

“Epitáfio do México” (1862)

Caminhante, vai dizer aos Lacedemônios que estamos
aqui deitados por termos defendido as suas leis.

Epitáfio das Termópilas

Dobra o joelho: — é um túmulo.
Embaixo amortalhado
Jaz o cadáver tépido
De um povo aniquilado;
A prece melancólica
Reza-lhe em torno à cruz.

Ante o universo atônito
Abriu-se a estranha liça,
Travou-se a luta férvida

Da força e da justiça;
Contra a justiça, ó século,
Venceu a espada e o obus.

Venceu a força indômita;
Mas a infeliz vencida
A mágoa, a dor, o ódio,
Na face envilecida
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula
Seus louros murchará.

E quando a voz fatídica
Da santa liberdade
Vier em dias prósperos
Clamar à humanidade,
Então revivo o México
Da campa surgirá.
(ASSIS, 1864. p. 87-88).

Em solidariedade ao povo mexicano, O Bruxo do Cosme Velho escreveu o poema “Epitáfio do México”. A composição faz uma alusão à guerra entre os Estados Unidos e o México. O próprio Machao de Assis esclarece que a arte deve estar para a sociedade, assim como da mesma forma, que os problemas sociais e políticos não devem ser esquecidos, mas que devem servir de matéria-prima na construção da arte, seja ela em prosa, em verso, ou em qualquer outra forma de representação, conforme se pode observar:

A sociedade, Deus louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, uma aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época!
(ASSIS, 1962, p. 789).

Em *Literatura e Sociedade* publicado em 1965, de Antonio Candido, é um livro que estuda as relações entre a arte e o meio social. Nele, o autor explica o sentido da crítica dialética, que analisa como o elemento externo, social, ao lado do psicológico e do linguístico, dialeticamente, integram-se como forma artística, constituindo a estrutura da obra. O estudo de Candido analisa as possíveis influências do meio sobre a obra, conforme ele esclare melhor nesse trecho:

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias), que servem

de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético). (CANDIDO, 1985, p. 5).

Que a obra de arte é influenciada pelo meio social e político, não há dúvidas, o autor se aproveita dos fatos e dos acontecimentos do momento e os transforma em arte, em outras palavras, eles servem de referências para o artista ou escritor, com Machado de Assis, isso não foi diferente, conforme percebe na leitura dos poemas em estudo.

A invasão do México e a ambição dos Estados Unidos serviram de matéria-prima ao poeta na composição do seu “Epitáfio do México”, no qual ele solidariza-se ao prestar uma homenagem ao “povo aniquilado” e “amortalhado”. (ASSIS, 1867, p. 87). O poeta explica o seu descontentamento em relação ao acontecido e o teor da invasão mexicana, ao pedi para que

“voltemos bruscamente os olhos para outro assunto. Recebi de buenos Aires uma ode escrita pelo poeta argentino Carlos Guido y Spano sobre a invasão do México. É um protesto ardente contra o ato de Sua Majestade o imperador dos franceses, isto é, o recurso da justiça contra a violação do direito em tempos que mais parecem de ferro que de luz. Revolta-se a alma do homem e a musa do poeta contra a prepotência armada e disfarçada.” (MAGALHÃES JR. 2008, p. 296).

“Epitáfio do México” é um poema de tom condoreiro, constituinte da primeira obra poética machadiana. O eu-lírico se volta, lamentosamente, para o declínio e para a perda do mundo asteca, metaforizando a vitória americana como fato exitoso da injustiça e da iniquidade. Ao Bruxo do Cosme Velho, não passou despercebido que tal sucesso se deveu à espada e às tropas americanas, segundo indicia em seus versos: “Contra a justiça, ó século, / Venceu a espada e o obus” (versos 11/12). (ASSIS, 1864, p. 88).

A aguda percepção machadiana é permeada pelos sentidos de americanidade, que o faz elevar o destino do povo mexicano à imagem emblemática da fatalidade do universo ameríndio. Como é sabido, a produção literária brasileira só começa a livrar-se das influências portuguesas a partir do Romantismo, daí para frente, começa a ganhar particularidade e autonomia, Machado de Assis demonstra certa preocupação em particularizar a literatura brasileira, tornado-a mais livre das reminiscências de outra literaturas, principalmente a portuguesa, isso se deduz na leitura atenta não só do poema que está sendo analisado, mas também, em outras produções machadianas, principalmente quando ele retoma à discursividade justificatória do colonialismo, como é notório no poema.

Segundo Magalhães (1981), “Epitáfio do México” representa o reflexo do pensamento político de Machado de Assis, o “pensamento de um jornalista sinceramente engajado no liberalismo político, de um militante sincero do anti-imperialismo.” Em Formação da literatura brasileira, Antonio Candido explica o momento em que a política se tornou mote poético:

Esse decênio de 1860 (...) estimula os sentimentos cívicos com a inauguração da estátua de Pedro I, “a mentira de bronze”; com o caso Christie; a Guerra do Paraguai; o início da agitação abolicionista e republicana. Marcam-no a virada nas eleições de 1860, a cisão radical dos liberais em 1868, a fundação do Partido Republicano em 1870. De ponta a ponta, percorre-o uma onda de poesia participante, que vai eclodir no assomo admirável de Castro Alves (CANDIDO, 2017, p. 563).

O poema é estruturado em quatro sextilhas hexassilábicas, em que os versos ímpares são soltos e esdrúxulos, os pares segundo e quarto rimam entre si e os sextos versos da primeira e da segunda estrofe rimam entre si; e o da terceira e da quarta também: cruz/obus e murchará/surgirá. Conforme se vê, uma combinação de versos esdrúxulos, graves e agudos foi empregada na composição do poema em análise, essa disposição assimétrica dos versos aponta para um desapego do poeta às formas poéticas.

Percebe-se que o campo semântico das palavras que rimam o primeiro par, com a vogal fechada, liga-se às ideias de morte e sepultamento do país atingido pelo infortúnio; já o segundo par, com vogal aberta, sugere o ressurgimento, a ressurreição, a esperança de uma futura redenção, esta simbologia exposta pela escolha das palavras tem grande expressividade poética, uma vez que aponta para a significação e entendimento do poema como um todo. Nas palavras de Bosi (2000), “a expressividade impõe-se principalmente na leitura poética, em que os efeitos sensoriais são valorizados pela repetição dos fonemas ou seu contraste.” A expressividade se dá também através do signo, pois ele é carregado de significado, principalmente, quando está associado à linguagem poética. Bosi (2000), esclarece que “a invenção poética arma contextos tão variados e tão estimulantes que arrancam os fonemas da sua latência pré-semântica e os fazem vibrar de significação. No poema, força-se o signo para o reino do som.”

Os últimos versos da terceira estrofe denunciam a conquista sem glória (“mácula” e “Seus louros murchará”), pois tratava-se de “força indômita” contra a justiça e os direitos de uma nação republicana. O eu poético acredita que a guerra foi injusta se compararmos o poderio bélico dos Estados Unidos com o do México - só para frisar: estamos falando de uma guerra que aconteceu entre os anos 1846 e 1848. Foi uma guerra vencida à força, motivada pela ambição e desrespeito à nação mexicana.

Na última estrofe, o poeta vislumbra um futuro em que os homens farão justiça ao povo mexicano. Não há prosperidade, segundo o poeta, sem respeito aos direitos de outra nação. Percebe-se o culto à liberdade e punição da tirania e da opressão. No final do poema, fica evidente o tom otimista do eu poético em relação ao futuro, no qual ele acredita que “a voz fatídica/ da santa liberdade/ virá em dias próspeos/ clamar à humanidade (ASSIS, 1864. p. 88).

“Polônia” (1862)

E ao terceiro dia a alma deve voltar
ao corpo, e a nação ressuscitará.
Mickiewicz – Livro da nação polaca.

Como aurora de um dia desejado,
Clarão suave o horizonte inunda.
É talvez amanhã. A noite amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,
Cansado de te ouvir o inútil pranto,
Alfim ressurgue no dourado Oriente.

Eras livre, — tão livre como as águas
Do teu formoso, celebrado rio;
A coroa dos tempos
Cingia-te a cabeça veneranda;
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
A santa liberdade,
Como junto de um berço precioso,
Á porta dos teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;
A sanhuda cobiça dos tiranos
Veio enlutar teus venturosos dias...
Infeliz! a medrosa liberdade
Em face dos canhões espavorida
Aos reis abandonou teu chão sagrado;

Sobre ti, moribunda,
Viste cair os duros opressores:
Tal a gazela que percorre os campos,
Se o caçador a fere,
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,
E vê no extremo arranco
Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos.
Presa uma vez da ira dos tiranos,
Os membros retalhou-te
Dos senhores a esplêndida cobiça;
Em proveito dos reis a terra livre
Foi repartida, e os filhos teus — escravos —
Viram descer um véu de luto à pátria
E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não! — É glória o cativo,
Quando a cativa, como tu, não perde
A aliança de Deus, a fé que alenta,
E essa união universal e muda
Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.

Um dia, quando o cálice da amargura,
Mártir, até às fezes esgotaste,
Longo tremor correu as fibras tuas;
Em teu ventre de mãe, a liberdade
Parecia soltar esse vagido
Que faz rever o céu no olhar materno;
Teu coração estremeceu; teus lábios
Trêmulos de ansiedade e de esperança,
Buscaram aspirar a longos tragos
A vida nova nas celestes auras.

Então surgiu Kosciusko;
Pela mão do Senhor vinha tocado;
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
Chamou aos campos a nação caída.
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duelo atroz e infausto
 Que a triste humanidade
Inda verá por séculos futuros.
Foi longa a luta; os filhos dessa terra
Ah! não pouparam nem valor nem sangue!
A mãe via partir sem pranto os filhos,
A irmã o irmão, a esposa o esposo,
 E todas abençoavam
A heroica legião que ia à conquista
 Do grande livramento.

Coube às hostes da força
 Da pugna o alto prêmio;
A opressão jubilosa
Cantou essa vitória de ignomínia;
E de novo, ó cativa, o véu de luto
Correu sobre teu rosto!
 Deus continha
Em suas mãos o sol da liberdade,
E inda não quis que nesse dia infausto
Teu macerado corpo alumiasse.

Resignada à dor e ao infortúnio,
A mesma fé, o mesmo amor ardente
 Davam-te a antiga força.
Triste viúva, o templo abriu-te as portas;
Foi a hora dos hinos e das preces;
Cantaste a Deus, tua alma consolada
Nas asas da oração aos céus subia,
Como a refugiar-se e a refazer-se

No seio do infinito.
E quando a força do feroz cossaco
À casa do Senhor ia buscar-te,
Era ainda rezando
Que te arrastavas pelo chão da igreja.

Pobre nação! — é longo o teu martírio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
É propícia esta hora. O sol dos livres
Como que surge no dourado Oriente.
Não ama a liberdade
Quem não chora contigo as dores tuas;
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua ressurreição, finada heroica!
(ASSIS, 1864, p. 89- 94).

“Polônia” é um poema de caráter político-social em tom condoreiro, que se reporta à nação polonesa e traz a mesma temática do poema “Epitáfio do México”, com a diferença de que esse agora é um poema aclamando a Polônia pelo seu vigor para se defender das tropas e do martírio a que esteve submetida pela Rússia.

O poema é estruturado em noventa e oito versos distribuídos de forma irregular em oito estrofes sem rimas, com métrica que varia entre hexassílabos e decassílabos. O poema é totalmente assimétrico, ou seja, as rimas e as estrofes não constituem uma unidade. As estrofes não apresentam o mesmo número de versos. Por exemplo, a primeira estrofe é composta por seis versos, a segunda por oito, a terceira por vinte e um, a quarta estrofe por cinco versos, a quinta por dez, a sexta por dezesseis, a sétima por vinte e três e a oitava por nove versos. Percebe-se através das análises feitas dos poemas em estudo, que a ausência de rimas e de simetria são apenas alguns dos fatores que contribuem para conferir narratividade ao discurso poético machadiano.

O poema carrega uma epígrafe do grande poeta polonês Adam Bernard Mickiewicz, que diz: “E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo, e a nação ressuscitará”. Essa epígrafe servirá de base e de inspiração para o poeta das *Crisálidas*, dando indícios do que se tratará. Ela também trás informações ao poema que devem ser consideradas na interpretação e compreensão do poema, pois deve ser considerada como parte constituinte do poema. Leal (2008) esclare que

[...] a epígrafe não deve ser considerada letra morta ou mero apêndice que possa ser impunemente decartada da leitura integral do poema, mas uma sinalização para o desvendamento do gosto e das preferências do poeta. A epígrafe é um verso-ventríloquo e também o prelúdio de uma atmosfera que se evidenciará e se completará na totalidade do poema. O recurso da epígrafe permite ao poeta dizer algo que não é

de sua autoria, mas que integra e enriquece o poema, numa apropriação débita e explícita da obra alheia. É um elemento a mais para o entendimento do texto. Não constitui corpo estranho, mas poderá representar, em sua microestrutura, uma síntese da mensagem que o poema irá concretizar. (LEAL, 2008, p. 27).

Mickiewicz foi um poeta que muito incentivou os poloneses a não se darem por vencidos diante das batalhas enfrentadas pela Rússia no século XIX. Machado de Assis também compartilhou do mesmo ideal, como forma de homenagem e de solidariedade à nação polonesa que lutava por sua liberdade. De acordo com a estudiosa das epígrafes na poesia machadiana, Audrey Ludmilla Miasso,

“Polônia” dialoga com sua epígrafe, sobretudo, por enxergar o que se passava com a nação polaca pelas lentes cristãs. A ressurreição impressa na epígrafe que remonta a ressurreição de Cristo será alegoricamente estendida à nação e, assim, são justificáveis as várias referências bíblicas ao longo da composição do poema. Parece-nos, portanto, que a epígrafe e o poema dialogam antes via uma terceira referência – a Bíblia, que implica na fé na ressurreição daquela nação –, que por retomadas da composição de Mickiewicz na de Machado, ainda que ambos tratem das angústias vividas pela Polônia (MIASSO, 2017, p. 137).

Machado de Assis, engajado em questões sociais, percebe que não importa quem padece com a tirania, porque aquele que “(...) ama a liberdade (...) chora contigo as dores tuas” (ASSIS, 1864, p. 94). As dores do mundo moderno ocidental não deixam de ser sentidas pelo poeta nacional. Em primeiro lugar, padece com a guerra “Contra a justiça” (ASSIS, 1864, p. 88), representada pelo México. Em segundo, olhando para o continente europeu, percebe que “De novo entre o direito e a força bruta / Empenhou-se o duelo atroz e infausto/ Que a triste humanidade/ Inda verá por séculos futuros.” (ASSIS, 1864, p. 92). Nesses versos, percebe-se como o eu poético prevê questões sociais e observa com antecedência prováveis consequências que a humanidade sofrerá.

Na terceira estrofe, o poeta relata o domínio russo sobre o direito de liberdade da nação polonesa e qualifica esse acometimento russo como ganância de poder, como se pode perceber nestes versos:

Eras feliz demais, demais formosa;
A sanhuda cobiça dos tiranos
Veio enlutar teus venturosos dias...
Infeliz! a medrosa liberdade
Em face dos canhões espavorida
Aos reis abandonou teu chão sagrado;
Sobre ti, moribunda,
Viste cair os duros opressores:
Tal a gazela que percorre os campos,

Se o caçador a fere,
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,
E vê no extremo arranco
Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos.
(ASSIS, 1864, p. 90).

O poeta sensibiliza-se com os sofrimentos dos povos mexicanos e poloneses. Ele enxerga na poesia uma forma de exaltar e homenagear, primeiramente a nação mexicana e depois o povo polonês ao ver que: “De novo entre o direito e a força bruta/ Empenhou-se o duelo atroz e infausto/ Que a triste humanidade/ Inda verá por séculos futuros.” (versos 56/57/58). Machado de Assis expressou a dor e o grito de duas nações submetidas pela tirania exercida pelos mais fortes sobre os mais fracos. Massa (2009), um dos maiores estudiosos da obra machadiana, acredita que “O escritor brasileiro reteve de Victor Hugo conceito de que o poeta é um mago, cujo gênio devia guiar o povo. A oposição entre vida íntima e a vida pública também se esmaça.”

Pelo menos em “Polônia” e “Epitáfio do México”, o poeta demonstra certa parcialidade, tomando partido das “dores” de outros povos, mesmo que essa gente pertença a outra nacionalidade que não a sua. O poeta Machado de Assis se põe à escuta dos rumores dos homens, ele julga a vitória dos Estados Unidos e da Rússia injusta, uma vez que o poder bélico dessas nações era muito mais potente do que o de seus adversários, o que torna uma guerra inglória, como pode-se perceber nos seguintes versos:

Sobre ti, moribunda,
Viste cair os duros opressores:
Tal a gazela que percorre os campos,
Se o caçador a fere,
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,
E vê no extremo arranco
Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos.
Preso uma vez da ira dos tiranos,
Os membros retalhou-te
Dos senhores a esplêndida cobiça;
Em proveito dos reis a terra livre
Foi repartida, e os filhos teus — escravos —
Viram descer um véu de luto à pátria
E apagar-se na história a glória tua.
(ASSIS, 1864, p. 91).

O poema traz em seu relevo muitas ressonâncias que nos remetem à espiritualidade e à religião. O poeta vê na fé um meio de superar tamanha batalha, conforme percebe-se nestes versos:

Pela mão do Senhor vinha tocado;
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
Chamou aos campos a nação caída.
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duelo atroz e infausto
(ASSIS, 1864, p. 92).

Segundo Candido (2017), “o homem se apega, pois, ao Cristianismo, não pelo pelos motivos éticos e metafísicos,mas, porque faz vibrar nele essa corda de sentimentos inefáveis, que definem o que há de próprio e incomunicável na experiência individual.”

Machado de Assis foi um poeta que explorou uma infinidade de temas, passando pelos políticos, sociais, amorosos, religiosos, etc. A religiosidade está presente não apenas nas suas poesias, mas também em sua obra em prosa, como por exemplo no romance Helena, no qual temos a figura do padre Melchior; em Quincas Borba, o padre Chagas; no conto O Alienista, o padre Lopes e vigário de Itaguaí; o título do conto “Missa do Galo” já arremete à religiosidade, entre outros exemplos que poderiam ser citados.

Em *Crisálidas*, Machado de Assis compõe seis poemas correlacionados à religião e ao sagrado, os quais podemos destacar: “Fé”, “A caridade”, “No liminar”, “Monte Alverne”, “Aspiração” e “O dilúvio”. A religiosidade foi umas das temáticas bastante recorrentes nos primeiros livros poéticos machadianos, principalmente no seu primogênito, *Crisálidas*.

“Polônia” é um poema elegíaco pelo seu tom terno e triste, envolto por lamentações, e também por tratar de momentos infortúnios do povo polonês. O poeta expõe as dores e sofrimentos desta nação derrotada por uma vitória ignominiosa, como se presença nesses versos:

Pobre nação! — é longo o teu martírio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
(ASSIS, 1864, p. 93).

Como se sabe, a poesia elegíaca pertencente ao gênero lírico, no qual o poeta exalta seus sentimentos ou suas ideias em forma de lamentações. Percebe-se através dos versos acima o tom lamentoso e triste, mas vale lembrar que a poesia elegíaca aborda outros temas além da morte, como: o desamor, a passagem do tempo, a melancolia, entre outros aspectos de tristezas e incertezas relacionados à existência humana. “Eras livre, - tão livre como as águas”/ “Do teu formoso, celebrado rio” : nesses primeiros versos da segunda estrofe, o poeta compara a liberdade do povo polonês antes da batalha com as águas livres do rio Niemen. Machado de Assis explica estes versos nas “Notas” das *Crisálidas*, da edição de 1864, nas quais diz:

O rio a que aludem os versos é o Niemen. É um dos rios mais cantados pelos polacos. Há um soneto de Mickewicz ao Niemen, que me agradou muito, apesar da prosa francesa em que o li, e do qual escreve um crítico polaco: “há nesta página uma cantilena a que não resiste nenhum ouvido eslavo; foi posta em música pelo célebre Kurpinski. Assim consagrado, o soneto de Niemen correu toda a Polônia, e só deixará de viver quando deixarem de correr as águas daquele rio (ASSIS. 1864, p. 169).

O autor das *Crisálidas* foi um poeta, que mesmo muito jovem, no momento em que esvreveu esse livro, muito se preocupou com as questões sociais e políticas do seu tempo, com a intenção de defender através da sua literatura os oprimidos e indefesos, pois para ele, ser escritor era também ser um homem politicamente ativo na vida pública e na sociedade da qual fazia parte. Como já foi mencionado, é nas obras maduras que Machado de Assis trata de forma proeminente das questões destacadas, mas o escritor com sua agudeza, já nos apresentara-as nas suas primeiras obras poéticas.

Sartre dissertando em seu ensaio *Que é a literatura?* de 1948, sobre o engajamento literário, explica que esta é uma questão ligada à consciência lúcida do escritor em reconhecer-se como pertencente ao mundo, ou seja, o escritor sentindo-se pertencente ao mundo e à sociedade em que vive, tem o dever de atentar-se às questões políticas e sociais do seu tempo. Conforme esclarece:

Um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação. Mas, se é verdade que se deve pedir contas à sua obra a partir da sua condição, é preciso lembrar ainda que a sua condição não é apenas a de um homem em geral, mas também, precisamente, a de um escritor (SARTE, 1993, p. 61-62).

Para Massa, “O escritor brasileiro reteve de Victor Hugo o conceito de que o poeta é um mago cujo gênio devia guiar o povo. A oposição entre vida íntima e a vida pública também se esfumaça.” (MASSA, 2009, p. 357). Machado de Assis foi um autor que se instaurou nas letras militante nas diversas áreas em que atuou, foi um escritor que esteve a frente do seu tempo, por isso sua obra se apresenta atemporal e contundente em muitos aspectos com a atualidade em que vivemos.

Em *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*, o crítico francês Benoît Denis, propõe uma discussão acerca do fenômeno do engajamento literário, focalizando questões políticas e sociais, segundo ele,

é inegável que sempre existiu uma literatura de combate preocupada em tomar parte nas controvérsias políticas” (2002, p. 10), porém o engajamento literário, na forma precisa do termo, não se torna “uma possibilidade literária trans-histórica, que se encontra sob outros nomes e com outras formas ao longo de toda a história da literatura” (DENIS, 2002, p. 18).

Massa (2009) diz que “...devemos, com risco de desgostar os manes de Machado de Assis, reservar-lhe um lugar entre os criadores daquilo que Antonio Candido denomina de “poesia participante”. Segundo o momento ou o acontecimento, esta poesia foi social, belicosa ou política, mas sempre eloquente e oratória.” O engajamento literário não se restringe apenas a demonstração de argumentos sociológicos, configura-se também de forma e de conteúdo, em equilíbrio, devem conduzir a obra de forma integral. Desta maneira, através das análises dos poemas e das perspectivas teóricas aqui expostas, constata-se que a vertente social e política da poesia machadiana, de alguma forma, teve a sua impotência para a época em que foi publicada, e pode servir de reflexão para os dias atuais.

Considerações Finais

O objetivo principal deste estudo foi averiguar as faces política e sociais de três poemas: “Os arlequins” (1864), “Epitáfio do México” (1862) e “Polônia” (1862), inseridos no primeiro livro poético, *Crisálidas* (1864). Para isso, esta pesquisa baseou-se em um conjunto de variáveis e no aporte da crítica literária tradicional.

Mesmo a carreira literária de Machado de Assis tendo início com a poesia e por vias românticas, o percurso poético dele não admite uma filiação exclusiva à determinada estética literária. Pelo contrário, um estudo atual e prudente da poesia machadiana deve levar em conta seu caráter plural para não incorrer em equívocos, como afirma Élide Oliver (2006), “Parece-nos que ao tentar incluir Machado dentro de um contexto histórico restrito, e não de uma perspectiva aberta, foi, em parte, a crítica que criou muito do problema poético de Machado” (OLIVER, 2006, p. 131).

Conclui-se ainda que, a poesia machadiana interaje não apenas com os grandes nomes da literatura da sua época, mas também com a filosofia, a história, a religião, a política e com a própria arte, a poesia machadiana não fica presa a uma determinada temática, por isso, é uma poesia plural e multifacetada. É uma poesia que explora as mais variadas temáticas, essa é uma das razões pelas quais é imprescindível conhecer o contexto histórico em que essa poesia está inserida, para melhor compreensão do projeto poético do nosso autor. O próprio Machado declarou que “A monotonia é a morte. A vida está na variedade” (ASSIS, 1962, p. 133).

Por fim, espera-se que este estudo constitua algum contributo para os estudos da poesia machadiana. Dada a importância do tema, considera-se que muito há ainda para se descobrir no campo da investigação que esta pesquisa propôs-se a investigar, sendo este um campo fértil de estudos para os futuros pesquisadores da poesia machadiana, pois apesar de estudos seminais como o clássico *A juventude de Machado de Assis*,

de Jean-Michel Massa e *O círculo virtuoso: A poesia de Machado de Assis*, de Cláudio Murilo Leal, de alguma forma, a poesia do Bruxo do Cosme Velho, ainda é pouco estudada e apreciada pela crítica.

Referências

- ANDRADE, O. *A sátira na literatura brasileira*. Conferência pronunciada na Biblioteca Municipal de São Paulo. Boletim Bibliográfico ano II, v. VII/abril, maio, junho, São Paulo, 1945. Publicação da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, Departamento de Cultura.
- ASSIS, M. Crisálidas. In: _____. *Obra Completa: Poesia*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.
- ASSIS, M. *Crisálidas*, 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, M. *Toda poesia*. Organização de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.
- BARBIER, A. Crisálidas. Ubiratan Machado. In: _____. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, A. *O estudo analítico do poema*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1996.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira momentos decisivos*. 16. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017
- DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- LEAL, C. M. O círculo virtuoso: A poesia de Machado de Assis. Brasília. Editora Ludens, 2008. p. 11-191
- LEITÃO, F. T. Crisálidas. Ubiratan Machado. In: _____. *Machado de Assis: roteiro da consagração* (crítica em vida do autor). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- MASSA, J.-M. *A Juventude de Machado de Assis*. Trad. M. Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.
- MIASSO, A. L. N. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.
- OLIVER, Élide Valarini. *Variações Sob a Mesma Luz: Machado de Assis Repensado*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São paulo: Cosac Naify, 2012.
- RAIMUNDO, M. Jr. R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1993.